

FORMAÇÃO CULTURA AGIC - ASSOCIAÇÃO  
PORTUGUESA DOS GUIAS-INTÉRPRETES E CORREIOS  
DE TURISMO

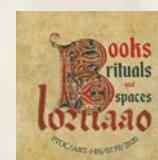
# O QUOTIDIANO MONÁSTICO EM LORVÃO SÉCULOS XIII A XVI

31 de janeiro e 1 de fevereiro de 2023.

Local: Mosteiro de Lorvão

Coordenação científica: Luís Miguel Rêpas e  
Catarina Fernandes Barreira

Organização: AGIC, Instituto de Estudos  
Medievais da NOVA FCSH /Projeto Books,  
rituals and space in a Cistercian nunnery.  
Living, praying and reading in Lorvão, 13th –  
16th centuries (PTDC/ART-HIS/0739/2020) e  
Câmara Municipal de Penacova.



Apoiado pela FCT no âmbito do projecto estratégico e programático com as referências UIDB/00749/2020 e UIDP/00749/2020 (IEM / NOVA FCSH)

O Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a Câmara Municipal de Penacova e a Associação Portuguesa dos Guias-Intérpretes e Correios de Turismo (AGIC) propõem um curso destinado a guias-intérpretes sobre o quotidiano monástico no Mosteiro de Lorvão nos séculos XIII a XVI.

O principal objetivo é dotar os participantes de conhecimentos que lhes permitam interpretar e contextualizar as vivências do quotidiano do Mosteiro de Lorvão, a partir de 1211 (data em que aí se instala a primeira comunidade cisterciense feminina portuguesa), a sua relação com o território e com os poderes que nele se cruzam e sob cuja proteção floresce durante a Idade Média. Serão abordados aspetos relacionados com a arquitetura, a liturgia e a sua performance ou os livros que existiram no Mosteiro de Lorvão, bem como as figuras mais importantes que marcaram o mosteiro, as suas manifestações heráldicas (que aí ficaram bem patentes e que ainda hoje se podem admirar) e as vivências desta importante comunidade conventual. Esta formação, a realizar presencialmente no Mosteiro de Lorvão, conta com o contributo de diversos investigadores, especialistas no tema, que partilharão o seu conhecimento e a sua experiência com os participantes.

O QUOTIDIANO MONÁSTICO EM LORVÃO.  
SÉCULOS XIII A XVI

# PROGRAMA

## 31 DE JANEIRO

14h00 - 14h50

Luís Miguel Rêpas | *Lorvão: da fundação dos monges à comunidade das monjas*

14h50 - 15h40

João Luís Fontes | *Viver sob a Regra de São Bento: a proposta de Cister*

15h40 - 16h10 | Pausa para café (e doces conventuais)

16h10 - 17h00

Luís Miguel Rêpas | *D. Teresa e a comunidade de Lorvão nos séculos XIII e XIV*

17h00 - 17h50

Catarina Fernandes Barreira | *O scriptorium e a biblioteca do Mosteiro de Lorvão*

## 1 DE FEVEREIRO

09h30 - 10h20

Catarina Fernandes Barreira | *Noviciar, professar, viver e morrer no Mosteiro de Lorvão*

10h20 - 11h10

Luís Miguel Rêpas | *Viver no Mosteiro: mitos e realidades da reclusão feminina (entre a normativa e a prática)*

11h10 - 11h40 | Pausa para café (e doces conventuais)

11h40 - 12h40

Alberto Medina de Seiza | *Cantar em Lorvão*

12h40 - 14h30 | Almoço

14h30 - 16h00

Miguel Metelo de Seixas | *Representações heráldicas no Mosteiro de Lorvão (visita ao Mosteiro)*

16h00 - 17h30

Catarina Fernandes Barreira | *Espaço e liturgia (visita ao Mosteiro)*

# RESUMOS

**Luís Miguel Rêpas | *Lorvão: da fundação dos monges à comunidade das monjas***

O Mosteiro de Lorvão tem um longo e riquíssimo passado, muito anterior à implantação da Ordem de Cister em Portugal e à instalação das monjas nesse local. Na verdade, as suas origens permanecem, ainda hoje, por clarificar, não havendo consenso entre os investigadores quanto à cronologia da sua fundação. Certo é que foi habitado, inicialmente, por monges, cuja existência se documenta a partir de inícios do século X, no seguimento da primeira reconquista de Coimbra (987), e que exerceu um papel determinante no povoamento das áreas então conquistadas. Os monges adotaram a Regra de São Bento ainda no século XI, no contexto da Reforma Gregoriana, e, pouco tempo depois, viram o seu mosteiro ser doado, juntamente com todos os seus bens, pelos condes portucalenses D. Henrique e D. Teresa ao bispo de Coimbra (na altura D. Gonçalo Pais) e à sua Sé (1109). Restaurado pouco tempo depois, em 1116, não mais voltou a ter plena autonomia e nem a excelência das várias obras produzidas no seu scriptorium impediu o bispo de Coimbra D. Pedro Soares, nos inícios do século XIII, de mover um processo junto da Cúria Pontifícia que levou à expulsão dos monges beneditinos do Mosteiro de Lorvão e à instalação de uma comunidade de monjas cistercienses nesse local, sob a tutela da rainha D. Teresa (filha de Sancho I de Portugal), que foi a primeira do reino.

## **João Luís Fontes | *Viver sob a Regra de São Bento: a proposta de Cister***

Cister aparece, em finais do século XI, como um "monaquismo novo", propondo um regresso à letra e ao espírito mais autêntico da Regra de São Bento. Reagindo assim a leituras da vida beneditina que haviam desequilibrado a relação entre oração e trabalho e transformado os mosteiros em poderosas e influentes entidades senhoriais, Cister recupera o monge na sua faceta penitente, solitária, afastado do mundo, vivendo de forma austera e simples, num quotidiano que voltava a remeter a liturgia para os seus justos limites. É a partir, pois, da Regra de São Bento e da leitura que Cister dela faz que procuraremos entender a vida desta comunidade monástica, o horizonte e o ideal pelos quais pautavam o ritmo dos seus dias.

## **Luís Miguel Rêpas | *D. Teresa e a comunidade de Lorvão nos séculos XIII e XIV***

D. Teresa desempenhou um papel da maior importância na história do Mosteiro de Lorvão. Foi, sem dúvida, a sua grande figura e encontra-se, também por isso, aí sepultada. Filha do segundo rei de Portugal (D. Sancho I), esposa de um rei de Leão (D. Afonso IX), ainda que o seu casamento viesse a ser anulado pelo papa, mãe de três filhos, os legítimos herdeiros do trono de Leão, irmã do terceiro rei de Portugal (D. Afonso II), contra quem combateu vigorosamente, dando início a uma guerra na qual contou com o apoio do seu ex-marido (D. Afonso IX de Leão), do seu filho (o Infante D. Fernando, herdeiro do trono de Leão) e do seu irmão (D. Pedro Sanches), e tia do quarto rei de Portugal (D. Sancho II), contra quem também se opôs, apoiando a facção do seu outro sobrinho, o Conde de Bolonha (depois D. Afonso III), numa nova guerra civil (1245-1247), D. Teresa é, muito provavelmente, uma das maiores e mais interessantes figuras da História de Portugal. Teve uma vida com múltiplas facetas, de entre as quais destacamos o seu envolvimento nas grandes questões políticas da sua época, e nas conseqüentes operações militares, que a levaram, por exemplo, a defender-se no seu castelo de Montemor-o-Velho, onde esteve cercada pelas tropas do rei seu irmão, D. Afonso II, bem como a sua ação de favorecimento e proteção ao Mosteiro de Lorvão, no claustro do qual tinha a sua câmara, que fez com que fosse beatificada, nos inícios do século XVIII. Este protagonismo acabou, como é natural, por determinar o recrutamento das monjas de Lorvão no século XIII, o qual foi condicionado por outros fatores ao longo do século XIV, de entre os quais se destacam a concorrência do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra (de espiritualidade mendicante, e protegido e apoiado pela Rainha Santa Isabel) e a Peste Negra.

## **Catarina Fernandes Barreira | *O scriptorium e a biblioteca do Mosteiro de Lorvão***

Antes da instalação das monjas no Mosteiro de Lorvão, a comunidade de monges beneditinos que o habitava tinha um scriptorium em funcionamento, onde se produziam livros, verdadeiras obras de arte, encontrando-se uma delas (o “Apocalipse do Lorvão”) hoje inscrita pela UNESCO no Registo de Memória do Mundo. O que aconteceu a estes códices com a chegada das monjas cistercienses, em 1211? Que códices precisaram as monjas lorvanenses para darem início à vida em comunidade? Como os obtiveram? E que livros tinham as monjas no século XVI? Nesta intervenção é nossa intenção tentar responder às questões colocadas, tendo em conta que a prática litúrgica é o centro da vida monástica e que os cistercienses “precisam de livros”.

## **Catarina Fernandes Barreira | *Noviciar, professar, viver e morrer no Mosteiro de Lorvão***

Entre 1211 e o século XVI, o que significava fazer o noviciado num mosteiro cisterciense como Lorvão? Como se chegava a monja? E a abadessa? Que outras pessoas existiam num mosteiro feminino? E o que acontecia quando um membro da comunidade morria? Nesta intervenção serão abordados, de forma breve, vários aspetos da vida desta comunidade monástica, do dia-a-dia das monjas lorvanenses e das diferentes hierarquias existentes.



## **Luís Miguel Rêpas | *Viver no Mosteiro: mitos e realidades da reclusão feminina (entre a normativa e a prática)***

O imaginário coletivo associa a vida num mosteiro feminino à reclusão, independentemente da ordem a que pertencia. E, de facto, a observância rigorosa da clausura monástica encontra-se entre os vários aspetos que a Ordem de Cister, em particular, e a Igreja, de uma forma geral, procuraram impor aos seus mosteiros femininos. A questão é que, tal como hoje, no nosso dia a dia, uma coisa é a normativa (com todas as regras que lhes eram impostas), que é, afinal, o que melhor se conhece e que preenche o imaginário coletivo, e outra é a prática, muito diferente daquela. Centraremos a nossa análise precisamente nessas diferenças, abordando temas como a promessa de estabilidade, o voto de pobreza, a clausura monástica, a castidade e o silêncio.

## **Alberto Medina de Seiça | *Cantar em Lorvão***

*“Sete vezes ao dia eu te louvo, Senhor, e levanto-me durante a noite para cantar a tua glória”.* Fiéis ao preceito do salmista, que a regra de São Bento acolhe, as comunidades monásticas cistercienses pautam o seu quotidiano pelos serviços litúrgicos, consagrando assim largas horas à oração cantada: na Missa, nas horas do Ofício, nas procissões, e em diversos outros rituais, o canto tem uma função essencial, omnipresente. No contexto desta formação, procura-se traçar um panorama da realidade litúrgico-musical num mosteiro cisterciense feminino durante a Idade Média.

**Miguel Metelo de Seixas | Representações heráldicas no Mosteiro de Lorvão (visita ao Mosteiro)**

Tal como a generalidade das casas religiosas existentes em Portugal, o Mosteiro de Lorvão exhibe uma quantidade assinalável de manifestações heráldicas. Estas são apenas, contudo, um pálido reflexo do que em tempos deve ter sido um património armoriado muito mais considerável. A visita guiada a este mosteiro cisterciense tratará, em primeiro lugar, de inventariar e identificar a heráldica aí subsistente, dando assim a conhecer as instituições e as pessoas que se encontram nele representadas por este meio. Além da dimensão identificativa, procurar-se-á em seguida indagar os intuitos de tal presença, revelando as funções que tais manifestações armoriadas estabelecem quer com os espaços onde se inserem, quer com os rituais religiosos neles praticados.

**Catarina Fernandes Barreira | Espaço e Liturgia (visita ao Mosteiro)**


Nesta visita ao Mosteiro de Lorvão pretende-se observar os espaços em articulação, por um lado, com as vivências diárias das monjas e com as performances litúrgicas inerentes à vida monástica e, por outro, com a interação que, necessariamente, tinha de existir entre as monjas e os seus capelães ou outros homens que lhes davam apoio espiritual. Em Portugal, com origem nas comunidades cistercienses de Alcobaça e de Lorvão sobreviveu um conjunto de textos litúrgicos e de outras fontes que nos permitem reconstituir, ainda que de forma limitada, orações, gestos e percursos que se desenrolavam de forma ritualizada pelos espaços monásticos. Assim, de forma muito breve, serão observados rituais como o do noviciado, o da profissão monástica ou os procedimentos envolvidos no sacramento da extrema unção e da morte de um membro da comunidade. Por fim, será abordado o tema do livro e o seu papel para esta comunidade cisterciense feminina, nomeadamente os locais que lhe estão associados, quer à sua guarda e uso, quer à sua conservação.

**Alberto Medina de Seiza** é, presentemente, investigador integrado no Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A sua dissertação de Doutoramento em Musicologia, defendida em 2019, na mesma Faculdade, centrou-se no cantochão a partir de fontes da Catedral de Coimbra. É membro do corpo editorial da *Portuguese Early Music Database* e da Comissão Científica do *Catálogo do Arquivo Musical do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança*. No âmbito da prática coral, é fundador e diretor da Capela Gregoriana Psalterium e do Coro Vox Aetherea, foi diretor do Coro do Santuário de Fátima (2013-2016) e é diretor do Coro da Sé de Coimbra.

**Catarina Fernandes Barreira** é investigadora integrada do Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e colaboradora do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Doutorou-se em Ciências da Arte, pela Universidade de Lisboa, e, no âmbito do seu pós-doutoramento, centrou o seu trabalho no estudo dos manuscritos iluminados do Mosteiro de Alcobaça durante os séculos XIV e XV. Atualmente, a sua investigação incide nos códices litúrgicos produzidos no *scriptorium* de Alcobaça entre os finais do século XII e o século XVI, centrando-se nos contextos de produção, circulação e uso dos mesmos. Dirigiu o Projeto *Horizontes cistercienses*, sobre o *scriptorium* de Alcobaça, que terminou em Setembro de 2022, e é a Investigadora Principal do projeto *Livros, rituais e espaço num mosteiro cisterciense feminino. Viver, ler e rezar em Lorvão nos séculos XIII a XVI* (ref.<sup>a</sup> PTDC/ART-HIS/0739/2020), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

**João Luís Fontes** é Professor Auxiliar de História Medieval na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde defendeu o seu Doutoramento com uma tese intitulada "Da "Pobre Vida" à Congregação da Serra de Ossa. Génese e institucionalização de uma experiência eremítica (1366-1510)". É, igualmente, investigador do Instituto de Estudos Medievais da mesma Faculdade e do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. Entre 2013 e 2019, foi investigador de pós-doutoramento, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com o projeto "O deserto na cidade: experiências religiosas femininas no Portugal tardo-medieval (1350-1525)". Os seus atuais interesses de investigação centram-se no eremitismo, na espiritualidade dos leigos, na literatura hagiográfica, na cultura e piedade da corte e da nobreza, nas elites sociais, na geografia e no património das instituições religiosas, nos rituais e nas devoções litúrgicas, na história da espiritualidade e na história da mulher.

**Luís Miguel Rêpas** é Doutorado em História Medieval, pela Universidade de Coimbra, com uma tese intitulada *Esposas de Cristo. As Comunidades Cistercienses Femininas na Idade Média*, que defendeu em 2021 e que foi distinguida com o "Prémio A. de Almeida Fernandes", de História Medieval Portuguesa. É Investigador do Instituto de Estudos Medievais (FCSH/UNOVA) e do Centro de História da Sociedade e da Cultura (FLUC). Tem-se dedicado ao estudo da Idade Média, desenvolvendo trabalhos, sobretudo, nos domínios da História da Religião (Monaquismo), da Sociedade e da Cultura. Atualmente, é Professor Auxiliar Convidado de História Medieval na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e encontra-se a trabalhar, como investigador contratado, no Projeto *Livros, rituais e espaço num mosteiro cisterciense feminino. Viver, ler e rezar em Lorvão nos séculos XIII a XVI* (ref.<sup>a</sup> PTDC/ART-HIS/0739/2020), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



**Miguel Metelo de Seixas** doutorou-se em História, em 2010, e é, desde 2011, investigador integrado do Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Para além das funções docentes que desempenhou em universidades estrangeiras e que tem vindo a desempenhar, em Portugal, em unidades curriculares de Mestrado e Doutoramento, também coordenou o projeto “In the Service of the Crown. The use of heraldry in royal political communication in Late Medieval Portugal”, uma parceria entre o Instituto de Estudos Medievais e a Universidade de Münster (na Alemanha), financiado pela Volkswagen Foundation, entre 2015 e 2018, e participou em numerosos projetos de investigação, envolvendo vários países. Conta com cerca de uma centena de publicações na área da heráldica e da história, editadas em Portugal, no Brasil, na França, em Espanha, na Alemanha, na Grã-Bretanha e em Itália. Foi Presidente do Instituto Português de Heráldica e diretor da revista *Armas e Troféus* entre 2010 e 2021.